

(RE) SIGNIFICANDO PROCESSOS EDUCATIVOS: PENSANDO A FORMAÇÃO DO SUJEITO CRÍTICO A PARTIR DA APREENSÃO DA RELAÇÃO DIALÉTICA ESPAÇO-CONSCIÊNCIA-MUNDO

CLAUDETE ROBALOS DA CRUZ¹; GOMERCINDO GHIGGI²

¹UFPEL- Universidade Federal de Pelotas – cruzufpel@gmail.com

²UFPEL- Universidade Federal de Pelotas- gghiggi@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente texto é apresentar a relação dialética espaço-consciência-mundo, como essencial para ressignificar processos educativos, cuja intenção seja a formação da consciência crítica do sujeito. Para tanto, tomou-se como base a perspectiva pedagógica freireana e a teoria espacial de Milton Santos. Uma vez que, Freire e Santos nos legaram teorias que são ferramentas intelectuais que nos ajudam ler o mundo e o espaço, ou seja, pensar a educação, o conhecimento, o ser humano e a sociedade.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa teórica de cunho histórico-filosófico-educacional. Utilizou-se como método investigativo a hermenêutica-dialética. Uma vez que, esta abordagem valoriza a compreensão da fala em seu contexto, e busca captar o movimento, as contradições e os condicionamentos históricos que a envolvem (Minayo, 1996). Assim, realizou-se estudo das obras de Freire e Santos, conforme consta nas referências bibliográficas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação de acordo com Freire se reveste em ato de conhecimento, na medida em que a relação sujeito-objeto cognoscente acontece de forma dialética e dialógica, isto é, nem o sujeito e nem objeto são considerados como algo dado, como uma realidade estática. Ao contrário, na relação sujeito-objeto existe possibilidade de problematização e a partir dessa ação dialógica surge o conhecimento novo. Daí porque ele insistiu no fato de que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”(1978, p.79). A ação educadora consciente, acontece por meio da problematização, e a transcendência emerge a partir do processo de conscientização, mediado pelo contexto teórico e pelo contexto concreto, assim “quanto mais progride a problematização mais penetram os sujeitos na essência do objeto problematizado e mais capazes são de ‘desvelar’ esta essência”(FREIRE, 1987, p. 89). O conhecimento é uma construção coletiva e conscientizadora, porque desenvolve o compromisso de assumir-se enquanto sujeito cognoscente e histórico, requer, portanto, uma atitude curiosa do sujeito diante do mundo. Freire (1987) aponta três estágios de desenvolvimento humano diante do mundo: Imersão, Emersão e Inserção. A situação de imersão se refere ao estágio em que os indivíduos apenas pensam acerca das questões vegetativas da existência, assumem uma postura mágica diante da realidade, se refere à consciência intransitiva. A Emersão é caracterizada pela capacidade humana de distanciar-se da realidade, suas preocupações direcionam-se para um contexto mais amplo, equivale ao

desenvolvimento da consciência transitiva ingênua. No estágio de inserção o ser humano assume atitude de sujeito histórico, sujeito ativo, reconhece seu potencial transformador e criador, estabelece uma ação reflexiva e crítica diante do mundo. Este estágio equivale ao desenvolvimento da consciência transitiva crítica. Nesse estágio, o mundo não é considerado como mero suporte, se torna espaço histórico.

O mundo se torna lugar, na medida em que os sujeitos estabelecem relação de inserção na realidade, a qual emerge na relação dialética entre consciência, espaço e mundo.

Num primeiro momento, o mundo, emerge para nós, enquanto experiência imediata, caracterizado pela compreensão mágica da realidade, um conhecimento que não identifica as causas dos acontecimentos. A partir uso da técnica, os homens enquanto corpo consciente, transformaram a natureza e criaram cultura. Como salienta Freire “a vida se torna existência e o suporte, mundo, quando a consciência do mundo, que implica consciência de mim, ao emergir já se acha em relação dialética com o mundo”(1995, p.21).

Assim que, para se chegar a formação do sujeito é indispensável que este conheça o seu lugar mais próximo, entenda a dinâmica das relações sociais, culturais e históricas, e situe-se nela como protagonista, agente ativo, consciente do seu espaço/tempo de ação, isto é, da sua “situação no mundo”. Andreola (2010) explica que para Freire “visão de mundo” reflete a “situação do mundo” em que as pessoas se constituem, se tornam seres humanizados, se tornam sujeitos históricos. Observa-se que a realidade concreta, primeiramente, serve como elemento formador da consciência individual do sujeito, que, no contato dialógico com os outros, constrói a consciência coletiva ou a consciência de classe, da qual fala Freire.

O espaço geográfico, por sua vez, expressa concretamente a situação do mundo do sujeito histórico, pois ele reflete o modo como asseguramos nossa existência, a partir da nossa cultura e educação, em última instância, representa nossa própria consciência em ação. Uma vez que, os prédios, construções e estradas são produto da intencionalidade humana, depois de construídos, deixam de ser meros objetos na paisagem e passam a condicionar os comportamentos humanos. Comportamentos que são condicionados por uma superestrutura global, que imprime além da funcionalidade dos objetos, também seus valores e finalidades. Conforme Santos “as coisas já nascem prenhes de simbolismo, de representatividade, de uma intencionalidade destinados a impor a idéia de um conteúdo e de um valor que, em realidade, elas não têm”(2007,p.59).

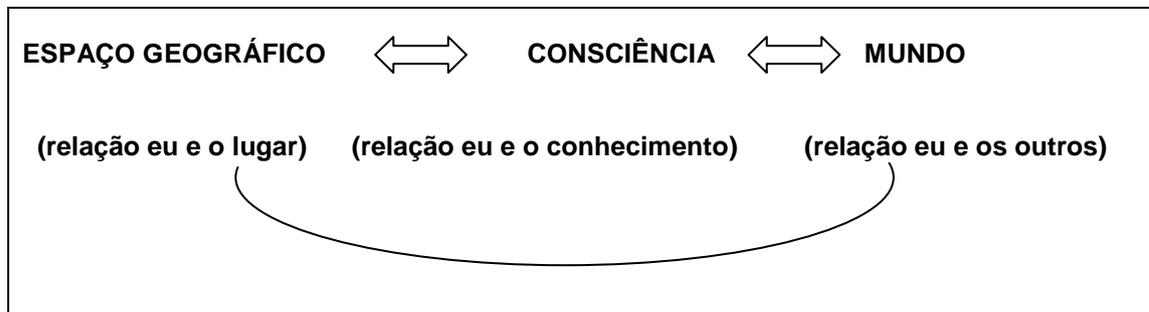
Com a mundialização da economia, o espaço tornou-se capital comum e universal, contudo alerta Santos “sua utilização é reservada àqueles que dispõem de um capital particular”(2007, p.31). E ainda acrescenta que “o espaço é manipulado para aprofundar as diferenças de classe”(2007,p.32). E, a partir disso, presenciamos um grande paradoxo no atual contexto de globalização, que o mesmo espaço que “une e separa os homens”(2007, p.32).

Diante desse quadro, Milton Santos, propôs sua teoria do espaço, na tentativa de desmitificar o homem, assim destaca que “desfetichizar o homem e o espaço é arrancar à Natureza os símbolos que ocultam a sua verdade (...) é revalorizar o trabalho e revalorizar o próprio homem para que ele não seja mais tratado como valor de troca”(2007, p.39). Admitindo assim que estamos ao mesmo tempo, “diante de um problema de conhecimento e diante de um problema moral”(2007, p.39).

Nestes termos refletir em torno da formação do sujeito historicamente situado, implica exercitar o pensamento crítico aliado o desenvolvimento da

consciência espacial, pois, acredita-se que é a partir da consciência de si, do mundo, na sua relação com os outros, que os homens e as mulheres atuam, como sujeito historicamente situados, sobre a realidade transformando espaço em mundo, e a vida em existência, para tanto, indispensável incorporar no processo educativo uma formação que estabeleça a relação dialética entre espaço, consciência e mundo, como exemplifica o quadro abaixo:

Esboço da relação dialética espaço-consciência-mundo



Org: CRUZ, Claudete Robalos.

Os grupos humanos vivem num espaço, estão situados nele e territorializam os distintos lugares. No decorrer dos tempos, à medida que os humanos, foram apropriando-se do espaço, foram construindo tecnologias inovadoras, o que levou o desenvolvimento material da sociedade tal como conhecemos hoje. Sobre o espaço construímos a sociedade e a nós mesmos, enquanto corpo consciente, pois, esse espaço foi e é intencionalmente transformado pela cultura. A partir da interação estabelecida entre a consciência humana, o espaço geográfico e o mundo configuram a realidade em que estamos inseridos.

4. CONCLUSÕES

Pensar na formação do sujeito historicamente situado implica incorporar as relações sociais, culturais e espaciais no processo de educativo. Concorde-se com Henz “quanto mais enraizados e conscientes da realidade concreta vivida *no* e *com* o mundo, mais vai se constituindo um sentir/pensar/agir em que o lugar onde “estou sendo” é mais que um pedaço de chão” (2010, p.327). Esse é o sentido da educação contribuir na formação da consciência histórica e política, de um sujeito historicamente situado, ou seja, consciente de si, do seu mundo (local), e do seu tempo histórico (global).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **A sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 1995.
- _____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- HENZ, Celso Ilgo. **Presença (no mundo)**. In STRECK, Danilo. (Org). **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- MINAYO, Cecília. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petropolis/RJ:Vozes, 1996.
- SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do homem**. São Paulo: Editora da USP, 2007.